

CONDUTA PROFILÁTICA DOS TUTORES DE CÃES E GATOS

Lívia Lopes Dias^{1*}; Bárbara Pirone Pereira¹; Marcelo Espósito²; Larissa Freitas e Silva¹;
Rodrigo Correa do Carmo de Castro¹; Cristina Henriques Nogueira³

¹Estudante de Graduação em Zootecnia - IF Sudeste MG Campus Rio Pomba, Integrante do Núcleo de Aprendizagem em Animais de Companhia - NAAC, e-mail:

²Doscente substituto do Departamento em Zootecnia - IF Sudeste MG Campus Rio Pomba,

³Doscente do Departamento de Matemática, Física e Estatística - IF Sudeste MG Campus Rio Pomba

*livia.l.d@hotmail.com

RESUMO

Os cães e gatos convivem com os seres humanos há milhares de anos, apesar das inúmeras vantagens trazidas por esta parceria a ambos, cabe ressaltar o risco das zoonoses e doenças específicas dos animais. Assim, objetivou-se com o presente estudo analisar a frequência, o modo como são feitos e alguns critérios que interferem no manejo sanitário dos cães e gatos. A pesquisa foi realizada através do aplicativo *Google* formulários, no período compreendido entre 26 de fevereiro à 6 de março de 2019. Os dados foram tabulados e analisados através do Teste Qui-Quadrado a 0,05 de significância, utilizando o *software* R. Foi observado que a maioria dos tutores optam por realizar a vacinação conforme prescrição e acompanhamento de profissional especializado. Quando questionados sobre a frequência de vacinação, 25,7% dos tutores relataram que não a fazem. Em relação a vacina antirrábica ofertada pelas prefeituras municipais, apenas 51,4% dos tutores relataram que as fazem. Os tutores que possuem apenas cães ou ambos (cães e gatos), tem maior representatividade em relação à vacinação com prescrição de profissional comparados aos tutores que possuem apenas gatos, que são parcela significativa dos que não a fazem ($p < 0,05$). Dos voluntários entrevistados 77,5% relataram possuir o conhecimento sobre a existência do calendário de controle parasitário para cães e gatos enquanto 22,5% o desconhecem. Conclui-se que grande parcela dos tutores não seguem o calendário de controle parasitológico, e as vacinas antirrábicas e principalmente as específicas são negligenciadas, sendo necessário o trabalho de conscientização da população.

Palavra-Chave: animais de companhia, vacina, imunização, sanidade

INTRODUÇÃO

O Brasil tem se destacado quanto ao desenvolvimento populacional de cães e gatos, atualmente ocupa o segundo lugar no ranking mundial (ABINPET, 2013). Com esse crescimento, os cuidados com a sanidade desses animais preocupam tutores e profissionais da área, uma vez que, o conhecimento sobre as doenças evoluiu, e o mercado, na tentativa de acompanhar esta evolução, passou por várias modificações, de modo a oferecer muitas marcas e produtos, o que pode complicar, para os tutores, na hora de decidir qual produto usar para atender o calendário de vacinação e parasitário.

A Organização Mundial da Saúde define vacina como, qualquer substância que, inoculada num indivíduo, lhe confere imunidade contra determinada doença (OMS, 2003). Quanto a sua natureza, existem as vacinas essenciais (recomendadas) e as não essenciais (opcionais) (DAY et al., 2016).

Considera-se essenciais as vacinas em que os animais devam receber obrigatoriamente em todo o mundo. Para os cães são aquelas que conferem proteção contra a infecção pelo vírus da cinomose canina (CDV), o adenovírus canino (CAV; tipos 1 e 2) e o parvovírus canino tipo 2 (CPV-2), já para os gatos são aquelas que protegem contra a panleucopenia felina (FPV), o herpesvírus felino tipo 1 (FHV-1) e o calicivírus felino (FCV), além da vacina antirrábica. Já as não essenciais, são aquelas onde seu

uso é estabelecido mediante avaliação da relação risco-benefício com base nos riscos da exposição geográfica à doença ou do estilo de vida do indivíduo (DAY et al., 2016).

Outro assunto delicado quando falamos de profilaxia é o controle parasitológico de endoparasitas e ectoparasitas, quando o mesmo não é feito adequadamente pode acarretar consequências nos animais como: comprometimento na ingestão e absorção dos alimentos, perda de peso, fraqueza, pelos eriçados e sem brilho, aumento de volume e dor abdominal, vômito, diarreia e anemia. Deve ser relatado também que quando não se segue o calendário recomentado por profissionais da área, esses parasitas podem se tornar resistentes aos medicamentos (KAMWA, 2012).

Visto a necessidade do controle sanitário para a qualidade de vida do animal e também dos seus tutores, objetivou-se com a pesquisa analisar a frequência, o modo como são feitas e alguns critérios que interferem no manejo sanitário dos cães e gatos.

METODOLOGIA

Uma pesquisa de opinião foi realizada através de questionário aplicado de forma virtual pelo aplicativo *Google Formulários*, divulgado via redes sociais (*Whatsapp*, *Instagram* e *Facebook*), de forma aleatória, no período de 26 de fevereiro à 6 de março de 2019, aplicado em etapa única. A pesquisa de opinião contou com respostas de tutores dos municípios dos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, entre outros.

Esta fase refere-se a entrevista de 227 questionários respondidos voluntariamente. Quando questionados quanto a autorização dos dados para o uso na pesquisa, cinco tutores não autorizaram a divulgação dos dados fornecidos, justificando a utilização de apenas 222 formulários, o que corresponde a 97,8% do total.

Realizou-se a avaliação da população amostral de tutores e não tutores de cães e gatos quanto às questões socioeconômica, como: a faixa etária e o grau de escolaridade. Consequentemente, foram realizadas perguntas específicas, a fim de constar quais participantes possuíam cães, gatos ou ambos. Em seguida, foram avaliados a quantidade de animal de companhia que cada tutor possuía, além do conhecimento sobre calendário de vacinação específico para cada espécie e o respectivo manejo.

As entrevistas foram realizadas de forma objetiva, contendo questões de múltipla escolha, com caixas de seleção e abertas. Após a coleta dos dados obtidos, os mesmos foram tabulados em planilha do programa *Microsoft Excel* (2014), e quando necessário, os dados foram demonstrados em figuras. Os resultados obtidos foram expressos por meio de análise do Teste Qui-Quadrado e pelo Teste Exato de *Fisher*, ao nível de 0,05 de significância, utilizando o *software R* (R CORE TEAM, 2018) para verificação da existência de alguma correlação entre os parâmetros avaliados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre os 222 voluntários entrevistados, a faixa etária variou entre: 73% relatou possuir de 18 a 29 anos, 18,5% possuíam entre 30 a 41 anos, 1,8% possuíam idade superior a 42 anos e 3,6% possuíam abaixo de 18 anos. Destes voluntários, 13,5% não possuíam animal de companhia e dos 86,5% que possuíam, variou entre 57,2% possuíam apenas cães, 20,3% possuíam cão e gato e 9% possuíam apenas gatos.

O Brasil é o segundo maior país em número de animais de companhia, com aproximadamente 132,4 milhões, desse total, os cães possuíam a maior representatividade com 52,2 milhões, seguida pelos gatos com 22,1 milhões, de acordo com o levantamento feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2016), corroborando, proporcionalmente com os dados encontrados nesse estudo. (Figura 1).

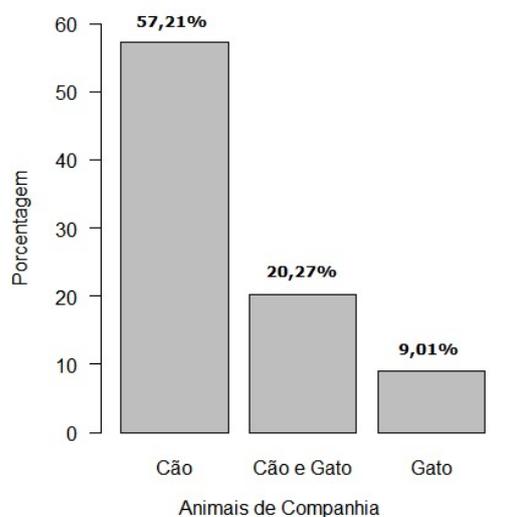


Figura 1: Presença de cães e/ou gatos dos tutores

Dos voluntários entrevistados 77,5% relataram possuir o conhecimento sobre a existência do calendário de controle parasitário para cães e gatos enquanto 22,5% o desconhecem.

Quando questionados aos tutores sobre a realização da vacinação, 49,5% vacinam periodicamente sob o acompanhamento do profissional, 28,4% realizam a vacinação quando necessária, 6,7% já vacinaram, no entanto, não vacinam mais e 1,8% nunca vacinaram seus animais nem contra raiva nem para doenças específicas da espécie.

A proporção de tutores que realizam a vacinação sob acompanhamento profissional é um dado preocupante, uma vez que menos da metade o fazem. Uma parcela significativa afirmou realizar a vacinação quando necessária, porém, a falta de assistência de uma pessoa qualificada, não garante que o protocolo de vacinação esteja sendo seguido de maneira correta. Já as parcelas de voluntários que não realizam vacinação somam 8,5%, demonstrando a importância do trabalho de conscientização da população.

Em relação a vacinação específica, 60,8% afirmam realizar, enquanto 25,7% não a fazem. Quanto a periodicidade da vacinação específica, 36,9% a fazem anualmente, 29,7% realiza conforme prescrição do profissional, 13,5% nunca vacinaram seus animais e 6,3% realizam a cada dois anos.

Quando questionados quanto a frequência de vacinação, apenas 1,8% dos tutores, afirmam nunca ter vacinado seus animais de companhia, quando comparado à vacinação específica, esta relação aumenta para 13,5% de tutores que nunca realizaram a vacinação (V6, V8, ou V10 para cães e V3, V4 ou V5 para gatos) de seus animais. Este fato pode ser devido às campanhas de vacinação antirrábica ofertadas pelas prefeituras municipais de forma gratuita, anualmente.

Cada profissional adota o protocolo de calendário de vacinação conforme a necessidade do animal, porém, usualmente, a primeira dose da vacina específica é recomendada entre 6 e 8 semanas de vida do animal, uma vez que até os 45 dias, os filhotes estão protegidos pelos anticorpos fornecidos pelo leite materno. Normalmente a vacinação específica é realizada em três doses, e a partir da primeira o intervalo de 30 dias entre elas normalmente é o mais recomendado, devendo ser repetida anualmente em dose única (DAY et al., 2016).

Percebe-se ainda, conforme ilustrado na figura 2, que tutores que possuem apenas cães ou ambos (cães e gatos) realizam mais a vacinação conforme prescrição de profissional capacitado, seguido por tutores que relataram realizar a vacinação anualmente. Quando comparado com tutores que possuem apenas gatos, tem-se também maior representatividade de tutores que realizam vacinação com acompanhamento profissional, e uma parcela significativa não as fazem ($p < 0,05$).

A não realização do manejo de vacinação, para gatos, pode estar relacionado com a facilidade de se encontrar vacinas específicas para doenças de cães em casas agropecuárias e *petshops*, por preços mais acessíveis do que em clínicas veterinárias, ou ainda, em razão da recente conscientização populacional, em que gatos são animais domésticos, e devem ser mantidos restritos dentro de casa. Por

este motivo, o risco de contraírem doenças é inferior aos cães, que habitualmente tem acesso as ruas quando realizam passeios acompanhados de seus tutores.

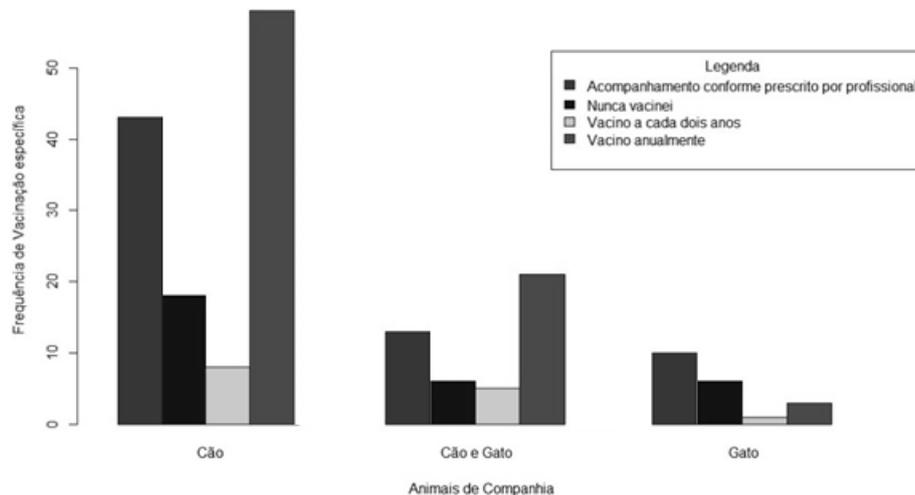


Figura 2: Correlação da frequência de utilização das vacinas conforme os animais de companhia que os tutores possuem.

Dentre os 86,5% dos voluntários que possuíam cão e/ou gato, 51,4% utilizam a campanha de vacinação antirrábica ofertada pela prefeitura, enquanto 35,1% relataram não utilizar. A vacina antirrábica, contém o antígeno contra a raiva, ou seja, quando em contato no organismo, provoca a formação de anticorpos, evitando que o animal contraia a doença. A raiva canina e felina é controlada principalmente pelo uso de vacinas inativadas. (BRASIL, 2014). Esta doença é considerada zoonose, o comitê da Organização Mundial de Saúde (OMS, 2016), define zoonose como, “Doenças ou infecções naturalmente transmissíveis entre animais vertebrados e seres humanos”, sendo de extrema importância a imunização dos cães e gatos.

Percebe-se que os tutores em sua maioria utilizam da campanha de vacinação antirrábica ofertada pelas prefeituras, no entanto, parte significativa dos voluntários, optam pela vacinação particular. Essa relação pode estar associada à confiabilidade que a aplicação em clínicas veterinárias traz. Seja em relação ao acompanhamento do animal pelo profissional capacitado, ou ainda devido aos cuidados com a vacina, uma vez que estas são substâncias termolábeis e devem ser mantidas sob refrigeração.

Considerando que as campanhas de vacinação antirrábica realizadas nos municípios ocorrem em pontos estratégicos da cidade, onde existe o maior tráfego de pessoas, como praças, igrejas ou escolas, faz-se necessária a utilização de caixas térmicas para seu transporte e armazenamento, não garantindo o controle ideal de temperatura e como consequência pode existir perda da eficácia da vacina.

Hoje o Brasil é exemplo quanto ao controle da raiva, além das campanhas realizadas periodicamente para cães e gatos, o Sistema Único de Saúde (SUS), disponibiliza a vacina para humanos de forma gratuita, sendo sua aplicação aconselhada após a possível exposição ao vírus, seja por mordida, lambida ou arranhão de animal com suspeita da doença. Em muitos países, a vacinação contra a raiva para os animais já é exigência legal, inclusive exigida para viagens internacionais com o animal, (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2014).

CONCLUSÃO

Apesar de grande parte dos colaboradores terem conhecimento da existência do calendário de vacinação e controle parasitológico, grande parcela não o segue. As vacinas antirrábicas e

principalmente as específicas são negligenciadas por parte dos tutores amostrados, o que pode prejudicar a saúde dos animais, sendo necessário o trabalho de conscientização da população.

REFERÊNCIAS

ABINPET, 2013. **Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação**. Disponível em: < <http://abinpet.org.br/site/faq/>.> Acesso em: 08/03/2019.

Assis de Queiroz, Syntia, Ferreira Moura, Escolástica Rejane, Frota Nogueira, Paula Sacha, Costa de Oliveira, Nancy, Quintino Pereira, Mayenne Myrcea, **Atuação da equipe de enfermagem na sala de vacinação e suas condições de funcionamento**. Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste 2009. Disponível em: < <https://www.redalyc.org/html/3240/324027968015/>>. Acesso em 10/03/2019.

BRASIL, 2014. **Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. Normas técnicas de profilaxia da raiva humana**. Disponível em: < <http://portalarquivos.saude.gov.br/images/pdf/2015/outubro/19/Normas-tecnicas-profilaxia-raiva.pdf> >. Acesso em 10/03/2019.

DAY M. J., HORZINEK M. C., SCHULTZ R. D., e SQUIRES R. A. Diretrizes para a vacinação de cães e gatos. **Journal Of Small Animal Practice**, Ontario, janeiro. 2016. P.6, P.7, P.12 e P.37.

GOVEBR, 2012. **Governo do Brasil**. Disponível em:< <http://www.brasil.gov.br/noticias/saude/2012/10/brasil-e-exemplo-na-erradicacao-da-raiva-animal-e-humana-no-mundo>> Acesso em: 09/03/2019.

IBGE, 2016. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: < <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-denoticias/noticias/18469-expectativa-de-vida-do-brasileiro-sobe-para-75-8anos.html>> Acesso em: 08/03/2019.

KAMWA, ELIS BERNARD. **Biossegurança, higiene e profilaxia: abordagem teórico-didática e aplicada**. Belo Horizonte: Nandyala, 2012, 124p.

ONU, 2017. **Organização Mundial da Saúde**. Disponível em: < <https://nacoesunidas.org/onu-anuncia-iniciativa-global-para-acabar-com-mortes-por-raiva-transmitida-por-caes-ate-2030/> >. Acesso em: 09/03/2019.

R. CORE TEAM, R: A language and environment for statistical computing. **R Foundation for Statistical Computing**. Vienna, Austria, 2018. Disponível em: <<https://www.r-project.org>>. Acesso em: 01 de mar. 2019.